

24-08-2021

## Até que a morte nos separe?

**Ernani Costa Mendes**

[Fisioterapeuta INCA/Ministério da Saúde. Doutor em Ciências ENSP/Fiocruz]

Uma coisa que sempre me chamou atenção foi o momento mágico do encontro de duas pessoas que, a partir de então, se conhecem, conversam, se identificam, se apaixonam, namoram e casam jurando amor eterno.

Na medida do possível, sempre que posso pergunto aos meus pacientes qual foi o enredo de seus encontros...

Nesse mês de agosto já cuidei de três pacientes que estão casados há 60 anos, imaginem vocês permanecer 60 anos casado, eu acho o máximo! Permanecer casado por 60 anos... E é sobre essa permanência do casamento que quero falar.

Quais seriam os ingredientes para manter inabalável o amor que atravessou as intempéries da relação e as tempestades do tempo de convivência com o Outro e suas idiossincrasias? Encontrar a pessoa e acertar no amor é o ideário para muitas pessoas. Casar, ter filhos e viverem felizes para sempre seria seguir os ditames da natureza...

O juramento do casamento, seja ele proferido pelo padre, pastor, rabino, pai ou mãe de santo etc., ou ainda assumido entre o casal, é algo demasiadamente sério do ponto de vista em assumir um compromisso com o Outro. O ato de se comprometer em estar ao lado na alegria ou na tristeza, na saúde ou na doença ganha profundidades mentais e subjetivas que não fazemos ideia quando juramos...

A minha responsabilidade com o Outro só aumenta dia após dia do juramento! Pelo menos, seria o esperado...

Mas, quando juramos ou assumimos o compromisso do casamento com a outra pessoa não imaginamos que o dia da tristeza e da doença pode chegar com força!

Claro que não nos preparamos para esse dia, acho que seria mórbido demais. Mas, penso que deveríamos pelo menos imaginar que um dia pudéssemos estar diante de uma situação difícil com o nosso amor, numa situação extrema, na qual a pessoa amada estivesse numa condição de total dependência nossa... É incrível pensar sobre isso!

Mas, esse é o ponto! Uma das doenças que pode chegar e atropelar com força o juramento do casamento, é o câncer.

O câncer avançado é uma doença de uma imprevisibilidade medonha e péssimo prognóstico. Não dá para planejar com ele, o câncer não negocia, ele não aceita barganha. Por sua inconstância e avanço voraz, e considerando sua localização, tipo histológico e outras peculiaridades, o estrago que ele pode causar nas pessoas ou nos nossos amores pode ser transformador. Dependendo do tipo de câncer, poderemos observar mudanças fisiológicas estruturais, como mudança no trânsito intestinal, da fisiologia respiratória, da digestão, mudança e alterações no rosto, na face, na fala, mudanças estruturais em órgãos genitais e reprodutivos, impedindo até o intercuro sexual, mudanças no psiquismo, no humor, no sabor e no gosto pela vida... ..

Para não falar do aspecto sombrio que muitos pacientes poderão apresentar conhecido como caquexia, que é um termo derivado do grego (ΚΑΚΌΣ, "ruim", e ΞΪΣ, "condição"), ou seja, uma condição ruim do corpo caracteriza pela perda de peso, atrofia muscular, fadiga, fraqueza e significante perda de apetite.

A caquexia é totalmente incapacitante, é um prenúncio da morte! A caquexia transforma a pessoa ou o nosso amor em outra coisa! E como lidar com tanta transformação? É possível, é viável?

Eis a questão. Nas minhas observações diárias, eu que lido com e manuseio esses corpos transformados, posso afirmar que, só é possível se a emoção que foi depositada no juramento do casamento for transformadora também!

O compromisso assumido no casamento de estar junto na doença deverá transcender do amor ao corpo lindo e capaz para o amor ao corpo feio e doente. Esse amor que foi feliz na alegria deverá ser forte e resiliente na tristeza!

Uma outra translocação necessária seria a do olhar e do sentimento. Deveremos deslocar a plataforma do amor, ou seja, para o corpo caquético. Passa a ser impossível enxergá-lo através da lente do amor erótico - daí a mudança do olhar - somente é possível enxergar e conceber este corpo através da lupa do amor fraterno - daí a mudança sentimental.

A pessoa que sofre todas essas transformações deverá ser alçada a uma plataforma amorosa, na qual, suas necessidades humanas deverão ser ressignificadas, e, se for você quem ficou com a responsabilidade de cuidar, se for a pessoa que assumiu o juramento no altar do "até que a morte os separe", deverá se importar com sofrimento e com os apelos existenciais do seu amor... Penso que a representação simbólica do juramento, que muitas vezes tem uma aceitação automática pela maioria das pessoas, deveria ter uma assunção mais significativa por todos nós. Falo isso porque no alto do processo transformador do câncer advém situações inimagináveis que colocam em xeque toda uma vida concebida, consentida e construída a dois.

Todos os contratos tácitos ou não tácitos dessa relação serão abalados e checados no e com o percurso da doença, alguns serão sobressaltados, outros eliminados e tantos outros refeitos.

Para o acordo assumido, de estar ao lado na doença - aqui a representação simbólica deveria ganhar sua essencialidade - é preciso se comprometer com a pessoa no sentido mais amplo da palavra, é preciso se comprometer e ter responsabilidade com a vida do Outro! Quando não levamos a cabo o juramento, o que pode acontecer? Poderá acontecer que a emoção do juramento e sua simbologia não sejam capazes de fazer com que o amor renda durante o processo duro do adoecimento e suas transformações. A falta de rendimento do amor pode ser traduzida pelo cuidado patológico, pela violência verbal e física, por remorsos, ressentimentos, culpas e muitas culpas, vinganças e - o mais cruel - o abandono do amor doente, configurando assim, a falência do juramento simbólico. Comecei este texto falando da força e da magia do encontro, da lindeza de chegar aos 60 anos de convivência e permanência e de quanto o amor pode durar vencendo as diversidades surgidas do e no enlace matrimonial.

Que possamos retroalimentar o amor para que ele possa render até o dia em que a morte nos separe!

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*